Era o vento – Carlos Machado

Em *Era o vento*, personagens desejam estar em outro local, não onde estão. Profissionais liberais bem remunerados sonham com palcos, holofotes e quartos de hotel, para compor canções e escapar do previsível cotidiano. Outros confundem o limite entre sonho e realidade. Há aqueles que trocam de relacionamento como se mudassem de emprego, não apenas por causa do primeiro, segundo ou terceiro problemas, mas, talvez, pela impossibilidade de revelarem ao outro o seu lado mais frágil ou mais perverso. Apesar dos impasses, todos eles seguem em busca de um, de qualquer porvir. São personagens conduzidos pelos narradores de Carlos Machado, mas bem que poderiam estar aí, ao seu lado, na realidade mais próxima.

Ao estrear na ficção, em 2004, Carlos estava em busca de uma dicção particular — o que está sinalizado no título de sua primeira obra, *A voz do outro*. Agora, 14 anos depois, seis livros publicados afirmam uma escrita peculiar, por meio da qual o ficcionista apresenta uma galeria de deslocados neste contexto que exige sucesso e sorrisos, de preferência, compartilhados nas redes sociais.

O todo do conto brasileiro contemporâneo se faz por meio de uma composição de variadas vozes, de Altair Martins a Jorge Ialanji Filholini, de Luci Collin a André Sant'Anna, de Cintia Moscovich a Paulino Júnior, de Marcelo Mirisola a Marcelino Freire, entre outros. E, sem dúvida, a narrativa breve brasileira é complexa, múltipla e instigante por levar em consideração o legado em progresso de Carlos Machado, curitibano que dialoga com a tradição, com Dalton Trevisan e outros escritores, cineastas, artistas visuais e compositores populares.

Carlos Machado, no entanto, amplia as possibilidades do conto ao recriar obsessivamente homens e mulheres tristes, irremediavelmente tristes, que superlotam não apenas Curitiba, que o escritor mimetiza e recria, mas outras cidades do mundo, também palco de algumas narrativas deste surpreendente, universal e imperdível *Era o vento*.

Marcio Renato dos Santos